

A TELEVISÃO E A GUERRA DO PACAEMBU: "povão" versus "cidadãos"*

Mauro Betti **

UNITERMOS: esporte, televisão, violência

RESUMO: Este artigo realiza uma interpretação da cobertura jornalística efetuada pela televisão com referência ao conflito de torcidas organizadas ocorrido no Estádio do Pacaembu, em São Paulo. Recorre à teoria do processo civilizador, de Norbert Elias, e conclui que o discurso da televisão centrou-se na defesa de padrões de comportamento das camadas sociais médias, contrastando-os com os das camadas baixas, ignorou o contexto de vida dos torcedores envolvidos, priorizou medidas punitivas contra eles e assimilou o conceito de "cidadão" ao de "consumidor".

INTRODUÇÃO: O QUE VÊ A TV

No dia 20 de agosto de 1995, o conflito das torcidas do Palmeiras e do São Paulo no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, chocou a todos. Era a partida final do Campeonato de Juniores, com portões abertos aos torcedores, e transmissão ao vivo pela TV para grande parte do Brasil. O que se seguiu na mídia, em especial na televisão, é motivo de reflexão para os interessados numa compreensão mais profunda e crítica do assunto.

A televisão tem a capacidade de conferir uma dimensão social aos acontecimentos, e de alargar nossa percepção do mundo. Sabemos que o televisionamento da Guerra do Vietnã foi um fator decisivo para mobilizar a oposição popular nos EUA. A TV exerceu também um papel importante no processo que levou ao *impeachment* de Fernando Collor. Mas este fenômeno é uma faca de dois gumes, porque temos a sensação de que só acontece na "realidade" o que passa na TV, ou o que é publicado na primeira página dos jornais. Passamos a viver em função da mídia, a depender dela. O governo age para a mídia, a polícia age para a mídia - por exemplo, seqüestros de gente rica e famosa tendem a ser rapidamente resolvidos. Até mesmo os grupos terroristas programam o horário e o local de suas ações em função do horário da TV.

As bombas explodem em locais públicos para matar muitas pessoas, pouco antes do horário nobre, e assim os atentados são notícia nos principais telejornais em todo o mundo. Só nos indignamos quando a violência do cotidiano aparece na TV. Três mil pessoas morreram num massacre na Bósnia e ninguém se comoveu. A TV filmou o atentado ao mercado de Sarejevo, onde ocorreu trinta mortes, e a ONU resolveu agir. Imigrantes ilegais mexicanos que foram, recentemente, espancados pela polícia na Califórnia pediram US\$ 10 milhões de indenização, e vão usar as imagens gravadas por uma rede de TV como prova (Mexicanos... 10 mi, 1996). Assassinatos, massacres e violência policial fazem parte também do cotidiano brasileiro, isto tudo está aqui bem ao nosso lado, mas às vezes o México ou a China parecem estar mais pertos de nós que a baixada fluminense ou a periferia de São Paulo. É que a televisão transforma o perto em longe, e o distante em próximo.

A mídia constrói uma nova realidade; é uma realidade autônoma, que confunde a realidade "real", por assim dizer, e a **imagem**. Todos assistimos a Guerra do Golfo pela televisão. Mas será que assistimos de fato a guerra? Aquilo que nos foi mostrado é guerra? Guerra sem sangue, sem mortos... É que os militares aprenderam com o Vietnã, e exerceram um rigoroso controle sobre a TV e a

* Agradeço ao Prof. José Maria de Camargo Barros e alunos do curso de graduação em Educação Física da UNESP de Rio Claro, por me convidarem a realizar esta reflexão.

** Professor-Assistente do Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências da UNESP de Rio Claro.

imprensa em geral. A televisão é agora um novo *front* de guerra (Santos, 1993). Será que se a TV não estivesse naquele dia no Pacaembu, estaríamos nós discutindo o assunto? Por outro lado, é bom que o estejamos discutindo - eis outro motivo de por que a TV é uma faca de dois gumes...

A televisão trabalha com uma lógica de **espetacularização** dos acontecimentos, bastante apropriada para o esporte (o gol no futebol, a "enterrada" no basquete, os acidentes nas corridas automobilísticas, e a violência). A violência nos fascina, atinge nossas emoções, mobiliza nossos instintos mais profundos. Todos nós assistimos várias vezes aquelas cenas com um misto de repugnância, curiosidade, desaprovação, revolta, mas também um certo prazer secreto. Tudo bem, ninguém precisa sentir-se culpado. Narcisismo, fetichismo e *voyeurismo* são fontes do prazer do telespectador (Duncan e Brummett, 1989). O sociólogo alemão Nobeit Elias já apontou, na cultura ocidental, a super-valorização da visão e audição, em detrimento do tato e olfato (Elias, 1990). Vivemos emoções olhando e ouvindo. Nossa cultura é cada vez mais visual, ou visual-auditiva. O "olho" tornou-se o órgão dos sentidos por excelência do homem civilizado. Daí entender a importância e difusão do cinema, depois da televisão, e também do próprio esporte, que possibilita ao espectador experimentar excitação e prazer, e identificar-se simbolicamente com homens que lutam e competem entre si numa dinâmica social que comporta o **controle** da agressividade. Sobre este ponto voltaremos a falar adiante. McLuhan (1995) já escreveu, há mais de 30 anos, que a tecnologia é a extensão dos nossos sentidos. De fato, grande parte da tecnologia moderna é ótica: câmara, o *scanner*, o olho eletrônico. E também os mecanismos de repressão: a câmara nos sistemas de segurança dos bancos, a câmaras da polícia vigiando os torcedores nos estádios.

Por outro lado, a repetição exaustiva das cenas do Pacaembu, uma vez, e outra vez, e mais uma vez ainda, em todos os canais, por diversos dias, fez com que perdessem o impacto; quase enjoamos de assisti-las - como já nos cansa ouvir falar de políticos corruptos, mortes, assaltos, inundações, terremotos, pobreza. Corremos o risco de

"A televisão tem a capacidade de conferir uma dimensão social aos acontecimentos, e de alargar nossa percepção do mundo."

perder a capacidade de nos indignarmos. Se alguém rouba o nosso carro, a primeira pergunta que nos fazem é: "você tinha seguro?". Já haviam morrido 17 torcedores em brigas de torcidas no Brasil antes da guerra do Pacaembu. É o fenômeno que teóricos denominam **banalização da violência**. Dias após os acontecimentos, uma professora de Educação Física relatou-me ter presenciado seus alunos brincando de "guerra de torcida", com galhos de árvores nas mãos.

Contudo não podemos afirmar que a televisão **causa** a violência, porém que a **reproduz, amplifica e justifica**. Isto evidencia-se, no futebol por exemplo, no uso de uma linguagem bélica ("inimigo", "matador", "batalha", etc.), no duplo padrão moral (por exemplo, infrações às regras cometidas pela seleção brasileira de futebol são perdoadas, pelos adversários, condenadas), e ainda quando faltas violentas são justificadas pelo seu valor instrumental ("ele **tinha** que fazer a falta, senão seria gol"). Recorre-se a uma linguagem metafórica para justificar o defensor violento no futebol: "joga duro", é "raçudo", é o "xerife da área", etc. (Betti, 1995).

O PACAEMBU EM FOCO

O discurso da TV sobre a "guerra do Pacaembu" priorizou a necessidade de punição dos torcedores e pediu medidas policiais e judiciárias contra eles, leis mais rigorosas, delegacia nos estádios, etc., mas não responsabilizou devidamente os dirigentes e administradores envolvidos, e denunciou muito pouco a estrutura autoritária e ineficiente do futebol no Brasil. Apareceram aqui outras características da cobertura televisiva: a **descontextualização** e a **fragmentação** dos fatos.

As torcidas uniformizadas ("profissionais da desordem"; "quadrilhas")¹ foram imediatamente identificadas como as responsáveis ("o resto é detalhe"). Pesquisa de opinião, realizada no mesmo dia dos acontecimentos por um programa esportivo, induziu o público a apoiar a extinção das torcidas organizadas. Após a pergunta - "Você

¹ Esta e as demais frases e expressões que se seguem, entre parênteses e aspas, foram extraídas de matérias televisivas exibidas no mesmo dia e nos três dias seguintes aos eventos do Pacaembu.

acha que as torcidas uniformizadas devem ser extintas"? - seguiu-se o comentário: "Se você acha que sim, ligue [telefone]; se, apesar de tudo isto, você acha que não, ligue [telefone]". Assim foi anunciado um resultado parcial: "Vamos ver o resultado? Que beleza! SIM: 2246; os que querem melhorar o futebol. NÃO: 353; não sei porque eles ainda não querem o fim das torcidas". A batida policial e confisco de arquivos nas sedes das torcidas uniformizadas foi acompanhada por equipes de reportagem e noticiada em todos os telejornais. Semanas depois, foi decretado judicialmente o fechamento da torcida organizada do Palmeiras.

Medidas policiais são necessárias a curto prazo, porque controlam os efeitos, mas é claro que não resolvem o problema. A guerra do Pacaembu, é óbvio, tem relação com a estrutura social brasileira e com as novas condições da economia capitalista que, cada vez mais globalizada, impõe um modelo de **competição total**, de **consumo total**; que tem gerado desemprego, baixa dos salários e concentração de renda, não só no Brasil, mas em todo o mundo (aliás, observe-se que a violência das torcidas é um problema que atinge também países europeus). Trabalhando com jovens universitários há mais de 15 anos, percebo que este contexto gerou também um individualismo exacerbado e a crise das instituições; hoje quase ninguém acredita no governo, nos políticos, na Igreja, na Escola, etc.

Os torcedores uniformizados são, em sua maioria, jovens que pertencem a grupos sociais sem perspectivas de ascensão social e consumo sofisticado numa sociedade como a brasileira, desigual, injusta, sem mecanismos de "amortecimento social", com baixos níveis de escolarização, com um Estado ineficiente na segurança pública, na saúde, na educação, na justiça, etc. Do outro lado, temos os "filhinhos de papai", que tudo podem, são os filhos do "você sabe com quem está falando?", característico não apenas da alta burguesia, mas que inclui profissionais liberais, autoridades políticas, empresários e comerciantes de porte médio. Há uma sensação geral de impunidade no ar. Quando os vínculos sociais entre as pessoas se rompem, quando "as instituições entram em crise" e o "tecido social se esgarça", como dizem os sociólogos, cria-se um vácuo social que é ocupado pelas torcidas uniformizadas, pelas gangues de rua, ou pelas "igrejas" que se abrem a cada esquina... A conhecida metáfora do "barril de

pólvora" cabe perfeitamente aqui: se a violência não explodir no estádio, vai explodir em outro lugar.

Estes jovens torcedores "uniformizados" não são miseráveis no sentido material; em geral têm família, muitos trabalham. São todavia os desesperançados, são os deserdados da nossa sociedade, e só lhes resta o imaginário. Jean S. Bosco, o jovem torcedor de 18 anos que, deitado e indefeso, foi agredido com um pedaço de madeira que se partiu em sua cabeça, e a seguir cambaleou até chocar-se com a grade, numa cena exaustivamente repetida pela TV, declarou a um jornal:

Disseram que o André, do São Paulo, quer me dar uma camisa. Também queria uma do Cerezo. Se eu fosse jogador, jogava até os 50, 60 anos, como ele. Quero ser jogador do São Paulo, meu destino é esse. Vou pedir para fazer um teste. (Depoimento..., 1995, p. 5)

A mídia alimenta o imaginário desta nova fase de expansão do capitalismo (por exemplo, a idéia de que jogador de futebol ganha muito dinheiro), é responsável pela coesão deste novo "processo civilizador" (Ianni, 1993); ela aguça e padroniza nossas necessidades de consumo, e torna todos **consumidores de imagens e símbolos** (Baudrillard, 1991). Quando compramos um tênis, compramos também *status*, um estilo de vida esportivo, etc. Não somos mais apenas cidadãos, no sentido político clássico, mas, prioritariamente, **consumidores**. Consumir é "sumir-com", por isso este modelo consumista gera um vazio existencial em cada um de nós. O consumo não nos torna mais felizes.

Uma síntese, mesmo que precária, da teoria do processo civilizador, do já citado Elias (1990, 1993), poderá ajudar o leitor a compreender o meu ponto de vista.

A PERSPECTIVA DO PROCESSO CIVILIZADOR

O que chamamos "CIVILIZAÇÃO" resulta de um longo processo social de regulação e restrição de emoções e impulsos no **comportamento público** dos indivíduos, que tem início ao final da Idade Média na Europa. Instintos e impulsos revestem-se de sentimentos de vergonha e repugnância.

Padrões de comportamento tornam-se cada vez mais estáveis, uniformes e generalizados. Comportamentos “civilizados” são difundidos no que diz respeito à higiene, etiqueta, vestuário, sexualidade, e controle da agressividade. Proibições e regulamentações apoiadas em sanções sociais reproduzem-se no indivíduo como formas de autocontrole, modelando sua personalidade; o conflito entre o prazer dos impulsos, de um lado, e os tabus e proibições, de outro, entram em conflito no indivíduo.

Elias demonstrou que existe correspondência entre a estrutura social e a estrutura da personalidade dos indivíduos, no sentido de que a estrutura da sociedade exige e gera um padrão específico de controle emocional. Uma nova estrutura social caracterizada pelo surgimento do Estado moderno, que monopoliza e centraliza o uso da força física, e uma certa equalização de poder entre as classes sociais (já que elas se tornam cada vez mais interdependentes), geram novos padrões de comportamento. E de onde vêm estes novos padrões e valores? Vêm das camadas sociais superiores, da aristocracia, e progressivamente espalham-se por todo o corpo social. Os cavaleiros medievais, que experimentavam uma sensação de prazer com a violência (mutilação de prisioneiros, por exemplo) já não podem exercer livre e publicamente sua força física. Note-se, aqui, a comparação do tumulto no Pacaembu com uma “guerra medieval”.

No esporte, este processo civilizador manifesta-se com a elaboração de códigos mais detalhados e restritivos a partir do século XIX. Por exemplo, uma das primeiras medidas da *Football Association*, na Inglaterra, foi proibir o “pontapé nas canelas”, usual no *hurling*, o jogo precursor do futebol; há relatos de que eram freqüentes fraturas, luxações, e eventualmente mortes, nesta forma rudimentar do futebol, praticada pelo povo inglês desde a Idade Média (Elias & Dunning, 1992a). A violência do jogo popular ofende aos novos padrões civilizados da aristocracia e burguesia ascendente, que tratam de dar ao futebol regras e padrões de conduta mais em acordo com os valores de sua classe social. Este processo histórico de longo prazo possibilitou ao esporte tornar-se uma manifestação controlada de emoções e impulsos, que é propiciada pela sua configuração social específica (Elias & Dunning, 1992b).

Nesta perspectiva, podemos entender que o discurso da TV, ao tratar da “guerra do Pacaembu”, exigiu padrões de comportamento “civilizado”, próprios das camadas médias, contrastando-os com os torcedores das camadas baixas - chamados de “selvagens”, “facínoras”, “vândalos”, “cafajestes”, “animais”. O que aconteceu no Pacaembu foi “insanidade”, “selvageria”, “barbaridade”, “vandalismo” - expressões que antagonizam com “civilidade”. Contudo, Norbert Elias ajuda-nos a compreender que se tratam de valores diferentes; a violência faz parte do cotidiano de muitos jovens na periferia da cidade de São Paulo - ela é aceitável, até desejável. Veja-se a entrevista à TV de dois torcedores, após os acontecimentos:

Repórter: “Você chegou a bater em alguém?”

Torcedor 1: “Não sei.” [risos]

Repórter: “Você se defendeu pelo menos?”

Torcedor 1: “Se defendi.”

Repórter: “E o que você acha disso, você gosta?”

Torcedor 1: “Gosto. [corte]. Isso aí é só pra chegar em

casa e ter o prazer de tirar um barato dos amigos.”

Repórter: “Não importa que alguém morra nisso?”

Torcedor 1: “Ah, não sendo conhecido meu tá bom.”

Repórter: “Você sente raiva do torcedor do outro time?”

Torcedor 2: “Raiva? Um pouco.”

Repórter: “Você já parte pra briga?”

Torcedor 2: “Tenho que me defender.”

Repórter: “Se for preciso até matar, você mata também?”

Torcedor 2: “Depende da ocasião.”

Um destes entrevistados foi depois identificado como um dos agressores de Márcio Gasparin da Silva, 16 anos, que faleceu em decorrência de traumatismo craniano. Entregou-se à polícia, foi feito de bode expiatório e está preso até hoje.

Julgo oportuno transcrever, para efeito de comparação, o depoimento de um torcedor inglês, 26 anos, chofer de caminhão, que se auto denomina “fanático e violento”, e que está citado em Dunning, Murphy e Williams (1992):

"Eu vou às partidas por uma só razão: o aggro.² É uma obsessão, não posso deixá-lo. Aproveito tanto quando estou nele que quase me mijo nas calças de tanto gosto. Todos os dias, à noite, damos voltas pela cidade procurando briga. Antes da partidas vamos como quem não quer nada, com um jeito respeitável...logo, quando vemos alguém com aspecto de inimigo, perguntamos a hora; se responde com sotaque estrangeiro, lhe damos uma surra; e se leva dinheiro com ele, também o tomamos." (p. 296)

Diferentes contextos, diferentes nacionalidades, o mesmo discurso... O fenômeno da **globalização** que vivenciamos hoje não se resume a um aumento no comércio de bens e serviços entre países, mas tende a padronizar modos de sentir, pensar e agir, e a televisão tem um papel fundamental neste processo.

Estive no Pacaembu poucas semanas antes do ocorrido, com meu filho de 14 anos. Tudo conspira contra os padrões da "classe média": não há onde estacionar o carro, a revista policial é constrangedora, as cadeiras são desconfortáveis, o banheiro é nojento. Mas para o "povão", isto não é problema. Segundo um dos engenheiros responsáveis pela reforma do Estádio do Morumbi, uma das causas da corrosão das ferragens foi a urina costumeiramente expelida pelos torcedores diretamente no concreto das arquibancadas.

Todavia, queremos fazer parte do mundo civilizado, daí as freqüentes referências à Europa ("lá ocorrem as punições"), à vitória da polícia inglesa sobre os *hooligans*, etc. Daí nossa vergonha porque as imagens do Pacaembu chegaram aos países do "primeiro mundo" ("e destruíram a imagem do brasileiro cordial"), daí a exigência de punição imediata dos culpados ("alguma coisa séria tem que ser feita"; "tem que punir, tem que prender, tem que colocar fora dos estádios"), mesmo ao arrepio da lei ("é ilegal, mas a favor da

opinião pública"), com a condenação prévia dos acusados pelas autoridades ("eu tenho um responsável: eu acho que são estes vândalos").

CONCLUSÃO: O "POVO" E O "CIDADÃO COMUM"

Até mesmo o fechamento dos estádios ao público, e a transmissão exclusiva das partidas pela TV chegou a ser proposta. Mas a sugestão mais freqüente, que partiu de muitos dirigentes e jornalistas, foi a de aumentar o preço dos ingressos de modo a desestimular o "povão", e privilegiar a "classe média" ("40 mil abençoados por Deus, da alta classe média"). É preciso preservar os estádios para as "famílias" ("quando os pais começam a

levar os filhos novamente aos estádios, acontece esta violência"; "o cidadão comum não pode mais ir a campo"). Segundo matéria de jornal, um presidente de clube propôs que os filhos e as mulheres dos torcedores não pagassem ingresso, e para o vice-presidente da Federação Paulista de Futebol esta seria uma das maneiras de levar

de volta as famílias aos estádios (Família... promoção, 1995). O "povo" assistiria pela televisão ("imediatamente, é a única solução"; "o estádio...vira palco de um grande programa de TV"). Este discurso esquece que esta já é uma tendência do futebol, e do esporte espetáculo em geral, e tem relações, não com a violência, mas com interesses econômicos. Segundo declaração do presidente da Federação Paulista de Futebol, emitida antes dos acontecimentos no Pacaembu:

"O povão vai estar na telinha, assistindo pela TV. A tendência do futebol é preço alto. A classe média deverá ir aos estádios". Segundo ele, só com o aumento do preço dos ingressos os clubes poderão fazer frente aos crescentes custos do futebol. Uma das prioridades da Federação será dar mais comodidade nos estádios, melhorando a qualidade dos sanitários e bares, além de oferecer ingressos numerados. ("Povão"... Farah, 1995, p.4)

² Expressão característica da linguagem dos bandos juvenis ingleses. Deriva de "aggravation", e significa conduta agressiva e o que ela implica: irritar, exasperar, provocar, maltratar.

O povo deve ficar longe dos estádios, em benefício do "cidadão comum", sua esposa e filhos. A televisão é de graça (se esquecermos os custos de propaganda embutidos nos produtos), mas há clara tendência nos EUA, por exemplo, de crescimento das TVs a cabo, que compram os direitos de transmissão das finais dos principais campeonatos de beisebol e futebol americano. Por que o mesmo não aconteceria no Brasil? A bem da verdade, já temos algumas partidas de futebol transmitidas exclusivamente por TVs de assinatura. Em minha cidade, uma assinatura de TV a cabo custa cerca de R\$ 400, mais manutenção mensal de R\$ 30. Com este preço, o "povão" ficaria sem o futebol ao domingos. "Cidadãos" são apenas os que podem pagar caro pelo espetáculo - no estádio ou na "telinha".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- BETTI, M. *Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo*. Rio Claro, 1995, 113 p. Relatório de Pesquisa, Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista.
- DEPOIMENTO. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 ag. 1995, cad.4, p.5.
- DUNCAN, M. C., BRUMMETT, B. Types and sources of spectating pleasure in televised sports. *Sociology of Sport Journal*, v.6, n.3, p. 195-211, 1989.
- DUNNING, E., MURPHY, P., WILLIAMS, J. La violencia de los espectadores en los partidos de fútbol: hacia una explicación sociológica. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. (Ed.). *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 323-342.
- ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.
- _____. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.
- ELIAS, N., DUNNING, E. El fútbol popular en Gran Bretaña durante la idade media y a principios de la edad moderna. In: _____ (Ed.). *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1992a, p. 213-230.
- _____. (Ed.). *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1992b.
- FAMÍLIA pode ter promoção. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 ag. 1995, cad. 4, p. 8.
- IANNI, O. *A sociedade global*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 10ª ed. São Paulo, Cultrix, 1995.
- MEXICANOS espancados pedem US\$ 10 mi. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 abr. 1996. Cad. 10, p. 1.
- "POVÃO" vai ver futebol só pela TV, prevê Farah. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 jul. 1995, cad. 4, p. 4.
- SANTOS, L. G. A televisão e a guerra do Golfo. In: PARENTE, A. (Org.) *Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993, p. 127-132.